

CBr05

A	Caracterização do entrevistado
	<p>A1- Há quanto tempo coordena (ou participa) o/do PNLL/ PNL?</p> <p>Desde o seu nascedouro, então, desde 2013</p> <p>A2- Que tipo de vínculo (efetivo, contratado, nomeado)?</p> <p>Na verdade o plano não tem, o plano é uma vontade política, o plano não é uma instituição, é como eu lhe disse mesmo, ele é um planejamento ele é uma opção política, inclusive, ele é um plano e é um plano voluntário existe um compromisso político das gestões quer do ente municipal quer do ente estadual em relação a vocacionar a sua população a direcionar a sua população a uma aquisição nesse universo único, nesse universo mágico, simbólico que envolve a leitura, então, o plano é isso. E, a composição desse plano é uma composição diversificada, então, ele tem na sua composição assim seguindo a orientação do plano nacional de leitura, na sua composição ele tem os entes públicos, eh, vinculados à questão do livro e da leitura e da biblioteca e tem também as entidades civis da sociedade também, e também empresariais, também vinculadas por atividade, por ação por pertencimento da entidade na questão do livro da leitura e da biblioteca. Então a minha vinculação é reestabelecida através da secretaria municipal de educação por uma questão muito óbvia pra se ler se precisa aprender ser alfabetizado e ter toda essa prestação também estadual, né? Também da federação, né, do ente público em relação a educação, dificilmente você vai encontrar um autodidata no seu próprio letramento na sua própria alfabetização o genérico real mesmo da realidade nossa de toda civilização ocidental é que a alfabetização e o letramento e outras situações vão a partir desse problema. E a secretaria de educação não poderia deixar de ter um assento num plano municipal de educação.</p> <p>Patrícia: então o plano tá vinculado, ele já saiu pronto né, ele já sai na perspectiva do estado, ele tá vinculado com a secretária de cultura.</p> <p>Loures: É.</p> <p>Patrícia: E no município ele se vincula a educação também.</p> <p>Loures: Não. Deixa só eu esclarecer. O município, ele se vincula a três secretarias, a de educação a secretaria de cultura e a secretaria de reparação social- SEMUR, ele se vinculou a essas três secretarias, e nós temos também avulso prefeitura. Então, fora isso, quer dizer, acrescentando a essa preocupação nós temos as pessoas da sociedade civil, então são das redes comunitárias de bibliotecas, são também dos livreiros, das universidades, então, então, nós temos essa representação mais ampla possível, porque pra ele ser um plano e por ter um plano político em si uma opção política e privilegiar a leitura na biblioteca ele precisa também estar, digamos assim, sendo uma demanda da população, ele não pode ser, um plano como este é uma questão voluntária ele não pode partir apenas do ente público, como não partiu, até porque as orientações de criação desses planos são orientações de chamar a sociedade civil, chamar todas as áreas de pertencimento dessa questão em si para construírem juntas um plano não é, uma direção nacional um direito de... pela biblioteca</p> <p>A3- Quais são as suas principais atribuições?</p> <p>Eh, as atribuições, eh, é exatamente desse, desse digamos assim, desse, dessa tipo de gerenciamento dessa liderança em diversos setores e tentar digamos assim, ter movido sensível para serem ao menos uma liderança que atende no momento na gestão que eu estou tendo, essa é a nossa função, não, não, ser o mais vigilante possível pra não se afastar. Então, o plano não tem viés partidário, não segue a política partidária o plano</p>

Amostra: Planejadores dos Planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal

serve a cidade, o plano se pauta por isso. Você vai ver no teor das nossas ações que nós não caminhamos nesse sentido, toda vez que isso é apresentado, nós temo a inteligência suficiente pra... Pra não ir por um caminho em que nós tenhamos que dar uma copartidária ao plano. O plano é do cidadão brasileiro, é do cidadão soteropolitano é da pessoa que mora aqui na cidade de Salvador.

Patrícia: Mas, a senhora é coordenadora

Lourdes: Presidente.

Patrícia: Presidente.

Lourdes: Porque o plano é assim ó: presidência, vice-presidência e secretário, e depois tem a coordenação executiva.

Patrícia: E o que essa presidência foi por meio de nomeação?

Lourdes: Votação. Nós fizemos uma votação e eu fui eleita, né.

A4- Tem formação acadêmica e profissional neste domínio?

Tenho, tenho, tenho, tenho. Tenho textos publicados e etc. etc. Não tenho o currículo básico de um professor de universidade, mas, tenho o currículo satisfatório.

B	Criação e Finalidade do PNLL e do PNL
----------	--

B1 – O que justificou a criação do PNLL e do PNL?

Primeiro eu vou lhe dizer da minha sensibilidade essa seria a cidade, seria a cidade da minha, considerando aqui, na minha, considerando aqui por fora, com melhoria fornecida que é o plano nacional, essa é a cidade de Castro Alves é a cidade de Jorge Amado de João Claudio de Junqueira Freire, né, Adonias Filho, então é uma cidade berço e é uma cidade berço não porque se impõe com somente histórica, ela é uma cidade histórica, mas porque ela inclui num universo de lembranças da população brasileira, se você buscar quem consiga falar dois versos de alguma poesia, é um Navio Negreiro, é uma Cidade Morta, se você procura dentro, ler um livro mesmo diante de todo esse volume de marcas medeiras e tudo mais, mas, qualquer um de nós percentualmente, eu considero que nós estamos diante de um Jorge Amado de um João Ubaldo, até porque eles foram escritores que toda a sua... que todo mais eles tiveram sua obra replicada internacionalmente e nacionalmente nas diversas mídias não é, mídia televisiva, cinematográfica, impressa e tudo mais, então, se é, é uma vocação natural, eu acho, está me entendendo, e teve esse apoio por conta disso, e é até porque as pessoas aqui também tem uma carência de bibliotecas, e nós saímos de um universo que atendia a população satisfatoriamente em tempos atrás, nos anos sessenta, setenta, se tinha as bibliotecas e elas davam conta de uma demanda, hoje nós estamos com a terceira ou quarta população do país em número, e nós temos praticamente as mesmas bibliotecas, então eu, por isso que nós temos também tantas bibliotecas comunitárias, porque onde falta o poder público, não é, há abundância de iniciativa privada. A gente tem diversas pessoas de, vocacionadas para a leitura, bem intencionadas, pessoas altruístas que fazem da sua casa um espaço, uma biblioteca comunitária e tudo mais.

B2 - De que entidade partiu a iniciativa?

Na realidade a iniciativa, ela primeiro a gente não pode nem dizer assim, naturalmente de quem partiu a iniciativa, porque a iniciativa em si ela tem que ser atribuída ao plano nacional de leitura, do livro e da leitura, é possível a gente dizer que nós tivemos essa ideia originalíssima e que saiu de Salvador, não, esse plano nacional do livro e leitura e a biblioteca nacional que fustigou que possibilitou que criou essa inquietação que criou uma responsabilidade para esse plano. Até porque aqui também ainda é... Eles

Amostra: Planejadores dos Planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal

vincularam também o acesso a promoções a própria biblioteca nacional e há uma facilidade, digamos assim, de aquisição de livros e tudo mais, o recebimento de livros sem ônus, por conta dessa proposta real efetivada e também de uma gestão esclarecida, nós estamos atualmente na cidade de Salvador atravessando aquilo que se chama uma maré boa. Então nós tivemos uma gestão extremamente esclarecida com o prefeito ACM Neto de pronto, nós estamos no terceiro plano municipal a ser instalado, e então assim de pronto foi muito sensível e botou o staff da secretaria de educação cultura da SEMUR e tudo mais a trabalhar em tudo e tivemos decreto e essa a minha estrutura que você tá vendo. Então, partiu também da rede enredando, entendeu? A rede enredando de bibliotecas comunitárias, mas não se planta em terra árida, já viu o terreno, porque o terreno é uma política pública e nenhum município nem estado pode se furcar, ou digamos assim, não atender uma política pública, principalmente essa, porque caso você não atenda ou que você caminhe contra ela, é uma quebra de prestígio muito grande, né, como se dissesse “eu não acredito na leitura em si, eu não acredito que um homem possa se formar através da leitura”. Então, acho que analisando de maneira, tá me entendendo? Da imagem que é o pai da criança, esse pai da criança nasceu no plano nacional da leitura, e eu gosto muito de dar os créditos a quem tem, e poderia lhe dizer como sendo o terceiro plano a ser instituído no Brasil que nós somos únicos e originais. Mas, não posso porque a gente tem que respeitar esse fato. E da leitura exaustiva do plano nacional, de e-mail, disso e daquilo outro, de sentar, de saber que a comunidade também já tava madura para o plano e que o município agregou as coisas né, junto com a comunidade, nossas escolas inclusive a secretaria de educação o espaço, o espaço onde mais ocorreram reuniões com a comunidade, pra falar do livro, diversas reuniões aconteceram dentro da escola, os professores participam e tudo mais, tenho que pontuar que os professores de português foram peça fundamental, os professores ligados à área de comunicação, português, esse pessoal ligado à área de comunicação, né? Quando se apresentava uma proposta dessa não precisava nem uma ordem, que já estavam ali, empenhados sensibilizando, coordenadores regionais e tal. É um plano de diversas mãos mesmo e o pessoal da comunitária também, publica ajuda muito bem e dá luta do jeito deles.

B3 – Quais são as finalidades do Programa? Que metas foram traçadas?

As mesma do plano nacional. Os quatro eixos, estamos nos quatro eixos. Então nossos agente são assim, nós temos, dos agentes que nós fizemos, fizemos dois seminários sobre a literatura no universo de... e a essencialidade da literatura na contemporaneidade, fizemos dois seminários no centro cultural da câmara de Salvador é devidamente registrado lá por esses dois seminários, fizemos também o maior prêmio literário da história do Brasil pra ensino fundamental, foi o prêmio Jorge Amado, e então nós, ... isso tudo, mas, trabalhamos primeiro com a ideia, primeiro da produção de textos, depois agora, é, na produção do texto nós trabalhamos com a questão da mediação também, porque o professor o grande incentivador do aluno instruindo, nós fizemos em cinco categorias desse prêmio, tivemos 791 inscritos e significa, eh, com professor orientador foram quase 2000 trabalhando, isso diretamente inscritos e se você imaginar que cada menino desse tem uma orientação do professor, teve orientação em sala de aula, significa o que, que todos aqueles 35, 40 alunos tiveram noções de categoria de textos, tiveram noções sobre o que era uma crônica o que é um conto uma poesia, tiveram noções sobre o que é um romance, um texto de teatro, história em quadrinho, então foi, esse universo que envolve a produção do texto aí, e, inclusive também atuamos na, no elemento que é da divulgação, não só divulgação como também da própria produção física mesmo, né, porque os textos foram publicados, eletronicamente, mas foram, cada menino desse recebeu um prêmio de 10 mil reais, os professores também receberam o mesmo tanto,

tivemos três lugares, o primeiro recebia 10, o segundo recebe 3, era mais ou menos assim, 5, 7, 3, e o professor também acho que era 3 mil, 4 mil, não lembro agora não, mas documentalmente você vai ter isso, então, foi um prêmio que família e tudo, e foi muito bonito, eu mostro as imagens pra você que eles receberam prêmios, isso foi em 2014. A versão 2015 não aconteceu, a gente espera que em 2016 aconteça, mas todas as etapas do concurso foram cumpridas, e aqui aproveito a oportunidade também pra agradecer a todos os professores da Universidade Católica e da UNEB, eles ficaram mais ou menos numa faixa de quinze, todos eles tiveram nome publicado no diário e foi-se voluntariamente, eles ficaram exatamente quinze dias, leram todos os textos no colégio dois de julho que cedeu o espaço, duas salas de aulas direcionadas para a gente, né, exclusivas, nós ficamos durante quinze dias, analisando todos os textos. Nenhum desses meninos passou como se fosse apenas um papel com algum borrado, todos tiveram a leitura, então, foi uma situação assim muito bonita, né, tem esses agradecimentos aí, tanto do colégio dois de julho, pela sessão, né, das suas duas salas, e todos os avaliadores, mestres e doutores, não tivemos nenhum avaliador... ou sem um... maior na área, então, o prêmio das crianças, né, das crianças e adolescentes, eles se pautaram com esse rigor mesmo, né, rigor acadêmico, rigor de respeito ao aluno, tem textos maravilhosos, os textos de teatro não devem nada, os romances estão magníficos, assim eu me deslumbrei mais com isso, né, os outros são tão bons que foram escolhidos também, mas, é tanta entrevista comigo.

B4 - Que relação estabelece entre hábitos de leitura e promoção do sucesso educativo?

Total, total. Sem um leitor, sem um leitor realmente, mas um leitor habitual, sem aquele leitor que d repente assume seu próprio comando, aquele que chega na biblioteca e que não foi direcionado por ninguém, mas que pega um livro e que começa a se assumir nos seus gostos e a se reconhecer quanto interesse, quer de pesquisa, quer de laser, sem esse hábito de leitura não há o pesquisador não há o professor universitário, não há o bom profissional. O bom profissional se faz através da leitura, por que se faz através da leitura? O bom profissional ele tem que ser uma pessoa que sabe que não é bom de tudo ele é uma pessoa que trabalha em colaboração com outra, em parceria com aquilo, com tudo que já leu na vida, tudo que a gente escreve é um pouco dessa nossa história de leitura, entendeu? Então, eu só acho que nós só podemos ter uma boa ligação se nós tivermos uma boa leitura, acho que os nossos alunos hoje leem muito mais, leem muito mais não, leem muito pouco, eles são aplicados à leitura também, minimamente, apesar de hoje a gente não poder, hoje nós temos um acesso ao livro pra... através dos programas do ministério da educação, são livros na sua grande maioria bons e tudo mais, mas, nós não temos, não conseguimos essa sensibilização, essa condição institucional de provocar naturalmente a leitura. As nossas bibliotecas hoje são, estão vazias, só estão vazias porque nós não temos esse hábito, apesar de que a gente também lê muito, eu até acho até que a gente pode nem estar lendo nem convencionalmente, mas eu ainda não to sentindo o reflexo dessas leituras... no dia a dia como aluno, ou até como profissional recém-formado etc. etc. A gente ainda não sente, né? Possa ser que daqui num futuro, né, novas bibliotecas, tenha outros modelos de biblioteca, do que aqueles nos quais eu me formei né, que é a biblioteca onde o livro era físico. Hoje nós temos livro, né, eletrônico e tudo mais, que é uma grande né, é uma maravilha é o e-book.

C	Estruturas de coordenação e parcerias institucionais
----------	---

C1- Como se operacionalizou o PNLL/PNL? Que estruturas foram criadas?

Primeiro a estrutura de definir os pertencimentos das secretarias. Segundo, no próprio regimento diz que a estrutura básica será dada pelo ente público. Então, hoje, minha hora

“H” ela tem um valor, então hoje você tá me pesquisando e essa hora “H” é debitada a possibilidade de disponibilidade que eu tenho como servidora, que posso estar à disposição desse plano, não exclusivamente, não é, não é exclusivo, eu continuo com todas as minhas atividades, é uma soma, e por conta disso, entendeu? Então, nos dá essa estrutura espaço de reunião e tudo mais, porque o plano é isso, o plano não é uma secretaria, não é um órgão, se nós compreendermos como muitos querem, tá me entendendo? Uma grande institucionalização desse plano, nós perdemos também a sua fundamentação, a fundamentação e o princípio do plano é ser essa coisa móvel com mobilidade, e não pra ser uma secretaria com um secretariãozinho, com um servente com uma casinha, com isso e aquilo outro, porque eles vem, tá me entendendo? Ele tem que ter essa elasticidade.

Patrícia: Se quiser dar mais ênfase esteja a vontade, porque eu acho que é a essência

Lourdes: Eu acho que é a essência. A minha concepção é essa, é essa elasticidade, muito quando vem pro plano, são muitas pessoas mais leigas, eles acham que estão vindo pra uma repartição pública, e que tem que ter verba, que tem que ter salário, que tem que ter isso e ter aquilo outro, acho que como tudo relacionado à leitura voluntária, tudo é voluntário, senão, você tem um burocrata, se não você vai fazer o que? Você não precisa do plano, basta ter uma biblioteca que tenha um expediente e lá tenha os livros e tá aberta ao público e tudo mais, o plano é exatamente pra ser essa coisa dinâmica, de que hoje ele está, digamos com uma centralização na secretaria de educação, amanhã ele pode estar na cultura e depois na de reparação e seguindo adiante, entendeu? Então, mas, com um discurso que seja abrigado pelos entes públicos, e não só os entes públicos, porque também não adianta abrigar pelos entes públicos e a população não seguir adiante, então, quando eu lhe falo do prêmio Jorge Amado eu to lhe falando do maior prêmio do Brasil, por quê? Porque a população entendeu, a população educacional entendeu a honestidade das propostas, entendeu o quanto precioso era participar efetivamente com qualidade e responder. Quando a gente, quando o plano faz a parada do livro que nós tivemos esse ano mais de doze mil livros distribuídos e a praça do campo grande disponível um dia inteiro sem nenhuma intolerância policial nem nada, a terceira cidade mais violenta do país é porque a sociedade me respondeu, nós poderíamos como ente público botar barraquinha, botar isso botar aquilo outro, e a sociedade não ir, ou ir uns gatos pingados, então, ela poderia considerar inclusive que nós estávamos dando aqueles livros velhos escoltados, mas, elas sabiam a nossa seriedade e ela respondeu, respondeu bem, no ano passado, no ano retrasado, 2014 e recebeu bem em 2015, então, ele é dinâmico por isso, que assim ele está sendo compreendido pela sociedade, como algo seu e do ente público é uma coisa, tá me entendendo? Dinâmica e tudo mais, você chega e fala do plano, você tem uma receptividade, ninguém vai lhe cobrar porque a rua não tá sei lá o que, ou isso, ou aquilo outro, mas vai lhe cobrar: “eu quero mais livros, eu quero conversar com o escritor, eu quero mostrar meu texto, eu quero ter livros emprestados, eu quero que a biblioteca abra de noite”. São questões observadas.

C2- Quais são as suas atribuições e qual seu âmbito geográfico?

Meu âmbito geográfico é Salvador, não pode escapular daqui, apesar de que a gente já fez assessoramento em outros lugares, chega, pede, eh, principalmente nos seminários, eh, comparecem, pedem, como é, o modelo de como foi que a gente fez, o nosso trabalho todo, a gente cede, conversa, abre espaço, porque o ideal é que todas as cidades do estado da Bahia tenham um plano municipal do livro, e que se conversem, porque a compreensão isso agora aqui é meu, a compreensão que eu tenho é que o dinheiro é do contribuinte e pra mim não existe diferença entre a esfera estadual, federal ou municipal em qualquer lugar. O dinheiro não vem com um carimbo e o nome exclusivo do

Amostra: Planejadores dos Planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal

contribuinte, então pra mim é isso, então tem que se conversar, tem que se unir e o plano não tem copartidária com isso, pra poder transitar independente de tudo. Os políticos passam, mas, essa ideia perfeita, maravilhosa e ela tem que persistir pelo bem da sociedade brasileira, né.

C3- Como se articulam e que processos/instrumentos existem para a sua coordenação?

As articulações elas, os instrumentos pra nossa coordenação são mínimos.

Patrícia: Até porque não há uma exigência de muito.

Lourdes: Não, não há exigência e essa dinâmica atende, por exemplo, quando você consegue na parada do livro agora, eh, nós tivemos 110 pessoas como voluntárias, 110 pessoas que ficaram de 7 da manhã as 15:30 da tarde, ali, servindo, nos stands primários, entregando livros, anotando, recebendo. Tivemos mais de vinte e cinco escritores autores, disponibilizando o seu dia pra ficar declamando falando as coisas todas, tá me entendendo? Então essa, essa dinâmica é a dinâmica do voluntariado.

Patrícia: Uma resposta da sociedade.

Lourdes: É uma resposta da sociedade.

Patrícia: É um acolhimento muito bom.

Lourdes: É tá me entendendo? É exatamente isso, então, por conta disso, eh, a gente provoca, eh, essa demanda que é um fato inusitado, nós abrimos pela primeira vez a fundação José Fernandes ao público, a uma atividade, a fundação José Fernandes é uma fundação secular aqui, um casarão histórico privado e cedeu e fez dali a custo zero, fizemos dali o nosso quartel general, onde nós depositamos mais de 12 mil livros, no GEN fizemos as aulas de preparação, capacitação do evento e tudo mais, nós tivemos estudantes que vieram se oferecer pra esse voluntariado e todo esse voluntariado foi qualificado.

Patrícia: Eu já identifiquei que algumas perguntas eu fiz, já respondeu de outras perguntas, então eu vou perguntar e não eu já respondi e depois você vê isso.

C4- Quais foram e são as principais entidades parceiras no Plano? Que importância elas tiveram no processo de implementação? Que importância têm no desenvolvimento de projetos e atividades?

Se eu falar a composição de todo mundo que tá aí, na composição do plano são extremamente importantes, tá me entendendo? Desde a representação oficial, né, do ente público municipal até o pessoal da rede enredando, o pessoal dos escritores, da UBESC, nós temos também, eh, da união dos professores aposentados, também temos e é muito importante essa, nos termos dos escritores, então todas aquelas entidades são importantes, por exemplo, as universidades todas elas nos são voluntariamente dedicadas, mas eu considero também que existe um outro apoio, um outro apoio que vem incondicionalmente que é o apoio da Universidade Católica, essa nos apoia desde o primeiro momento, inclusive já lhe disse que em 2014 praticamente, quer dizer assim, poderia dizer que 70% dos avaliadores foram os professores doutores da Universidade Católica ligados a área de pedagogia e de português e literatura, a gente fez questão disso, e os professores da UNIFACS, a UNIFACS também colaborando demais com a gente, tivemos também da UniJorge, a colaboração da UniJorge, então, foram diversos colaboradores, diversos mesmo, teve a Mansão do Caminho, tá me entendendo? Mãe Estela colaborou.

Patrícia: Teve a plena participação de vários segmentos da sociedade, não é?

Lourdes: É, professores pesquisadores entregando livros, professores de, até de línguas mesmo, de italiano, de francês, nós tivemos uma, fizemos os bosques temáticos, né, então abrigaram, então, eh, o evento parado do livro ele é um evento diversificado, então é um evento em que você, primeiro que você não tem um livro como se ele tivesse sendo

desprezado, largado lá ao... você tem aquele dali, você pega o livro que está ali exposto, você vai pega aquele livro, nós anotamos você leva, você recebe um voucher e os vouchers que tem, tem literatura internacional, então por isso são muito ecléticos, nacional, infantil, infanto-juvenil, científica, área jurídica, área de concurso, pré-vestibular, então, foi extremamente eclética, e duas, e literatura mista com religiosa e uma, e um Box ligado a Padre Vieira, então, por isso nós tivemos tantas colaborações, né, até das pessoas, né, que já tem suas pesquisas tem seus textos em casa, seus livros que precisam ter a dinâmica né, de circulação que um livro precisa disso, então foram entregues. Essa doação, foi uma doação assim de primeira linha, até porque nós fizemos uma curadoria, isso que eu acho que é uma questão que reflete isso aí, nós fizemos uma curadoria em prol da criança e do adolescente, então essa curadoria digamos assim, ela evitou, porque como que a criança e o adolescente tão ali pra ele ter acesso a um livro que depois a família fosse nos reclamar que fosse um livro com, obsceno, pornográfico, essas coisas todas, e nós entendemos que não seria ali que seria disponibilizado, pra ser disponibilizado ali tem uma responsabilidade de todos que estão ali, então, nós fizemos também uma curadoria, visando esse ponto e a especificação dos boxes, né, de boxes, dos stands, né. A estrutura foi uma mega estrutura.

D	Implementação do Plano (recepção da medida nas bibliotecas públicas e escolares e nos atores, potencialidades, problemas)
D1	- Que projetos/ programas foram desenvolvidos pra a implementação do PNLL /PNL?
	Teve muita pesquisa, muita reunião, né, quando a gente, por exemplo, assim, há um trabalho pro plano, normalmente ele vai começar agora em junho, a parada, a parada acontece em outubro e nós começamos em junho, em junho já se está pensando as datas sucedendo aquela semana nacional do livro, né, e da biblioteca, a biblioteca a semana nacional da biblioteca que fica ali.
D 2	- Quais são os seus objetivos específicos e eixos de intervenção?
	Meu objetivo específico, meu sonho a realidade é, eu tenho um sonho, e o meu sonho é que com essa sensibilização a cidade possa nos destinar um centro cultural e biblioteca multifuncional, uma biblioteca em que, que a gente possa ter uma biblioteca em que a pessoa possa imaginar que na solidão de casa na solidão do seu ambiente, ela tem os livros pra conversar e uma biblioteca aberta de noite, eu sonho com isso. Sonho com um, com dois, nós temos bairros populosos como Cajazeiras, temos bairros populosos como o Subúrbio o que mais meu Deus? Lá pelos lados de Itapuã, tem diversos bairros aqui extremamente populosos que deveriam ter uma biblioteca, ou mesmo a gente deveria ter uma biblioteca, uma mega biblioteca municipal. Meu sonho é esse, entendeu? É esse espaço, primeiro pra atividade, também acho que tem que ser a biblioteca e aí eu quero chamar a atenção desse viés do plano municipal da leitura, do mesmo jeito que a gente tratou o livro, a parada do livro como se fossemos todos nós bibliotecários, nós tratamos a parada do livro com um viés pontuado no esmero de bibliotecários, porque o livro tem que ser disponibilizado também com conhecimento, com uma catalogação, com um digamos assim ao leitor seu livro um universo. Primeiro porque o tempo hoje é caro pra todo mundo, ninguém tem tanto tempo pra ficar, não sei, você tem um tema, você um assunto que lhe agrada, você tem uma pessoa que possa lhe informar, então, o que nós gostaríamos exatamente, é realmente um perfil de biblioteca pra ter um bibliotecário com sua expertise, porque o mundo não dá mais pra virar um eterno Google, e se a gente pode ter um caminho em termos de visar a seriedade no trato do livro, do zelo até físico com o livro e partir dessas mídias, eu falo livro, mas é uma forma que pegar amplamente,

entendeu? Esse é meu sonho, meu sonho é que a cidade se sensibilize, veja que existe essa demanda, veja que essa demanda é espontânea não é porque combinamos com o movimento x, com o grupo x, da rua x, da ala b do setor f, sei lá o que, que fosse e dissesse que precisa da biblioteca, a população na cidade que pegou um ônibus e foi todos para o Campo Grande e nós distribuímos 12 mil de, e isto eu estou dizendo quantificado porque nós temos os dados guardados, é se tem alguma coisa que eu sou, nós somos hoje no plano, da atual gestão do plano é a seriedade das nossas ações, por isso que eu disse a você que pode gravar porque o que se fala aqui se prova. Então nós temos ou vouchers, nós fizemos 10 mil vouchers pra, no ano passado foram oito mil e pouco, aí calculamos que esse ano, o ano de 2015 e no ano retrasado de 2014 que foi a primeira parada do livro, calculamos que seria apenas 10 mil e tivemos que reaproveitar, desamassar os vouchers todo pra poder dar de novo pro pessoal na tarde, as pessoas ficaram esperando para receber isso porque nós fizemos um cálculo imaginando que a gente, superou bastante o nosso cálculo, você tá entendendo? Então, mais ou menos essas coisas.

Patrícia: Que motivação né?

Lourdes: É a motivação é essa e tudo, e estamos no calendário da cidade, né, você imagina se um evento que poderia ser um evento mínimo no primeiro ano ele se supera em tal ponto que hoje já pertencemos ao calendário da cidade, então é mais, é a adesão da sociedade, se você perguntar: “teve alguma verba?” “zero” tudo voluntário, a universidade, os doadores levavam os livros, nem transporte nem nada, isso a sociedade abraçou.

D 3 - Quais são os seus destinatários e que entidades os atores os promovem?

Acho que nem pega essa, você tá vendo que é, é muito mais amplo né, muito mais amplo, não tem um, nós não temos um público específico que é a comunidade toda, mas, é a união, e um dado muito importante nisso é o seguinte, é que quando fomos no Campo Grande, todo o nosso público, nós fizemos aquilo que se chama a cidade de Salvador sem segmentação social, sem segmentação racial, sem segmentação religiosa, tá? Menos o leitor, tá entendendo? Então, transitou no Campo Grande diversos livros, da vovozinha, da pessoa mais idosa para o jovem a criança, da pessoa carente em si, a pessoa com a condição de comprar livro e tudo mais, mas que de repente foi garimpar, se sentiu tomada também, ela também contribui e por que não? E foi lá e pegou também um livro, e deu também um livro e trouxe também um livro, então, foi mais ou menos isso né? Nós tivemos assim, tivemos participação de colégios privados né, no evento, o Colégio Antônio Vieira que vêm participando desde 2014, fazendo contação de história e tudo mais essa parte toda de contação de histórias e vai por aí.

D 4 - Pode identificar os aspectos mais significativos da implementação deste Plano?

É mais significativos, os aspectos mais significativos é que nós participamos diversos, praticamente a cidade inteira, eh, e a maneira como a gente mapeou a cidade foi através das regionais, seguindo as regionais educacionais, então, a secretaria de educação ela faz uma divisão de gerenciamento por área porque a cidade é muito grande, então, pra todas as, todas as, como é que eu digo assim, as assembleias né, as convocações, assembleias, as conversas com a população sobre o plano ela aconteceu numa dessas regionais, ora numa área comum a todo mundo uma área da comunidade em si, ora dentro da escola, por que isso? Porque nessas cidades mais, nessas áreas mais carentes na nossa sociedade o espaço termina sendo o da escola o espaço maior, pode vir a uma praça, vir um outro lugar que pudesse abrigar nós fizemos isso, até pra não vincular que seria apenas como se fosse uma atividade escolar, nós optamos toda vez que havia a oportunidade da gente tirar de dentro de uma área de escola a gente tirou essas reuniões de provocação pra fazer

o plano, entendeu?

Patrícia: Houve muita uma preocupação nos mínimos detalhes, foi muito cuidado.

Lourdes: Foi, foi, foi, foi, nós sentamos, paramos, tem uma coisa que eu gostaria que você anotasse aí, a nossa responsabilidade aqui, inclusive a secretaria de educação foi tão, digamos assim, nós nos esmeramos em questões tão peculiares, nós fizemos uma pesquisa diagnóstica essa pesquisa, online, através do site da secretaria de educação e foi amplamente divulgado, a pesquisa diagnóstica teve duas vertentes, a primeira geral, todas as pessoas ligadas a o nível de leitura de biblioteca, de biblioteca pequena, ou uma, digamos assim uma biblioteca individual, sua, elas entravam ali voluntariamente, se identificavam, diziam o quantitativo de livro, respondiam pesquisa sobre hábito de leitura e tudo mais, essa foi à pesquisa da cidade, em primeiro momento eu lhe digo que nós não tivemos a resposta que a gente gostaria, porque isso ainda foi o primeiro, os passos iniciais, dado com a seriedade com conceitos, com a vontade de sermos os mais científicos possíveis, nós não tivemos com o que, digamos assim, eu imaginei que muitas dessas bibliotecas individuais que você tem, pesquisador de, né, de cientistas, de médicos, de engenheiros, de tudo mais, eu notei que elas não participaram, o perfil. E, tivemos também aquelas, que foram à pesquisa interna, a pesquisa dentro da própria secretaria, então que a gente fez a pesquisa e muitos servidores se identificavam com seu, sua matrícula e respondia sobre, eh, quantitativa de livros que se tinha disponível, a estrutura que era se era sala de leitura ou cantinho de leitura ou uma biblioteca escolar, eh, respondia também sobre os livros que eram mais retirados, e também sobre se a família ia, se havia demanda, que é do corpo de docente, que é do grupo familiar, porque do corpo discente a gente já tem, então, foram duas pesquisas diagnósticas que nós disponibilizamos na rede com ampla divulgação e isso pra implementação do plano, que ficava num espaço, digamos assim, de quase três meses cada, tentando, e tudo mais. Acho que esse espaço de... uma pesquisa isso, e essa maneira de chegar, de propor, eu acho que isso nos dá essa receptividade, entendeu? Porque foi muito natural, foi muito leve num sentido assim, e, sério né, e consistente e tudo e também as pessoas que estavam à frente eram pessoas que eu acho que a sociedade no dia a dia já dá algum crédito, “ah, é minha vizinha” e sei lá o que, é porque é alguma coisa não é, é alguma coisa percorre sobre isso, né, nem tudo pode ser explicado.

D 5 - Como foi recebido e apropriado pelas entidades/atores que o promovem? (solicitar centramento especial nas bibliotecas municipais e escolares)

Tranquilo. Independente disso uma coisa importante pra falar é que nós também agregamos todas as bibliotecárias do município, da rede escolar, da rede escolar, então nós fizemos reuniões, é todo esse material aí elas participam, participam da parada, participaram da parada do livro, participaram também do concurso Jorge Amado, inclusive tem um dado interessante, uma das premiadas do concurso Jorge Amado de romance, foi uma menina que a bibliotecária, ela percebeu o interesse do aluno e ficou ali focado e tudo, e chamou e foi e buscou, pronto, e a menina se inscreveu e ganhou. Então, é uma pessoa preciosa nesse sentido, entendeu, eu até falo dela e tudo, mas me foge o nome, mas se Rosely estivesse aqui saberia. Então é uma vantagem de ter as bibliotecárias é isso, não se pode deixar um plano municipal do livro e da leitura sem a presença fundamental, essencial das bibliotecárias, isso não dá mesmo.

D 6 - Como foi recebido e apropriado pelos destinatários? (solicitar centramento especial nos alunos)

Não gosto do termo “apropriação”, tá me entendendo? Porque nada é em leitura, nada é próprio, né, não gosto, então, o que eu acho é que é uma pergunta que se responde até pelo concurso Jorge Amado, tá me entendendo? Por exemplo, esse ano de 2015 nós não

fizemos, mas se eu abrir aqui meu Whats App você vai ver a quantidade de pais, porque a família participou na entrega do prêmio, e aquela chora, e aquelas coisas todas né, de um talento né, e teve realmente talentos viu, surpreendentemente né, eu pensei que nós pudéssemos ter bons alunos escrevendo, uma boa escrita e tudo, mas no prêmio Jorge Amado eu, na minha experiência identifico talentos, identifico obras acabadas de uma precocidade que quando a gente vê pensa assim “meu Deus parece Castro Alves que aos 16 anos já era reconhecido”, a ideia que a gente teve foi essa na hora, né, foi um, e, se não tivéssemos essa qualidade de contribuição dos alunos efetivos, quase mil alunos, nós não teríamos esses professores sem ganhar nada a nossa disposição, lendo, respeitando cada escritor.

D 7- Quais as maiores dificuldades enfrentadas na implantação do Plano?

Na implantação nós não tivemos essas dificuldades porque a prefeitura apoiou totalmente, você tá vendo que disponibilizou sua rede e tudo mais, deu a condição de acesso total, franquearam totalmente o livro, as coordenadoras, as diretoras das escolas, essas sensibilizações, o espaço, claro que sem repercussão da sua prestação do caso cultural real que é a sala de aula, mas é isso, mas, toda essa parte de alicerce foi, digamos assim, é um, na, não poderia se refutar isso, né, obrigação dela e ela cumpriu regimento, não houve problema com relação a isso, nós não tivemos é o luxo “é vai ter aqui e vai ter um ônibus aqui pra deslocar todo mundo pra um lado e pro outro”, nós não tivemos isso, como é voluntário, né, esperte suas pernas, né, pegue o seu vale, ou, você está naquela área, você vai, o valor disso também conta né? Porque se você dá tudo pra onde você quer isso é leitura, e você evita até que a pessoa acabe de dizer, “eu quero ler isso” você já deu e você tem que ler, e não tem mais não, é bem assim. E nós tivemos essa, por isso nós somos o terceiro né, o terceiro plano a ser implantado, foram diversos, toda a sociedade foi chamada, as reuniões iniciais eram imensas, a gente fazia ali, uma boa parte, fazíamos em terra mesmo, né, assim primeiramente, pra gente chegar a uma população maior, ali na vice-prefeitura, no auditório ali do pré-vice, tem um auditório no pré-vice ali na Joana Angélica, nós fazíamos ali, e haviam aquelas discussões eternas, né, se quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha, aquelas coisas todas, e tudo mais, e as coisas foram... e tudo mundo foi discursar e pápápá, as divergências foram, acho que nem havia divergências, porque, se a gente fosse olhar bem a divergência sobre o que? Não tem como se aplicar, e também, onde não há verba não há competição.

D 8- Quais as maiores dificuldades enfrentadas na manutenção do Plano?

Olha, pra manutenção tem dificuldades, porque, por exemplo, assim, você vê esses dois mega eventos, quer dizer, isso exige de mim, de mim e do grupo que tá na frente do trabalho em si, eh, um acúmulo de tarefas, né, uma exaustão, a verdadeira exaustão, a gente conta com olhar, não libera as horas, aquelas coisas todas não to dizendo isso, mas, se não tivéssemos, por exemplo, assim, digamos assim, o pessoal de apoio mesmo é quem subisse os livros é quem tirasse os livros e tudo mais, isso num primeiro momento, no dia do evento nós tivemos, mas, se não tivéssemos isso, ou alguém, quer dizer, que exercesse uma função mais de secretaria, seria interessante, a única situação que a gente sente ainda é isso né, e também não há um, não são inseridos em um centro cultural ou em um espaço na biblioteca, né.

E	Monitorização, avaliação e financiamento
----------	---

E1- Há monitoramento das atividades do Plano? Com que meios e como se processa?

Eu acho que essa pergunta já está em si respondida, né, todas as atividades elas são postas em mesas a gente já sabe inicia dizendo quais serão as atividades, as dificuldades que nós tivemos, nós estamos muito insatisfeitos porque a gente não conseguiu levar

adiante o prêmio Jorge Amado, entendeu? E ainda essa é, essa é, digamos assim, esse se a gente tivesse que dizer assim, um pequeno sofrimento nessa trajetória de sucesso, mas temos esse sofrimento, mas, mas a gente tá aí, bem aí, porque também é difícil, né, você vê que você uma bienal que passa aquele tempo todo a América pra poder fazer, a gente consegue uma praça pública, eh, duas vezes, totalmente pública, num espaço sem problema nenhum com contribuição da guarda municipal, com esse pessoal de segurança, mas principalmente porque desde a entrada pra participar da feira, da parada do livro, parece que já existe um comportamento a ser estabelecido, não precisa aflição, não precisa competição, não precisa empurrar o outro há um caminho livre pra você de qualquer jeito. E há uma pessoa no stand que não é um leigo, mas que é uma pessoa que foi, que recebeu uma capacitação e na grande maioria, estudantes de biblioteconomia e de letras, estão ali pra orientar, quer dizer a pessoa que lhe entregou o livro, acho que isso ajuda muito, tinha bom livro, sabia o que tava fazendo, vestem a camiseta, a gente tem uma camisetazinha.

Patrícia: Que não foi um ato de distribuição

Lourdes: Não, não foi, não foi mesmo, chegando lá, você chega, você olha, você analisa, você pega, você escreve, dá seu nome, nós temos e-mail desse pessoal da grande maioria, nós temos e-mail que elas quiseram, inclusive pra fazer chamada pra eles excelentes teorias, eh, pedimos que colocasse o nome né, quando eles pegaram o livro, por que a gente fez isso? Porque a pessoa que doou, tivemos a doação estupenda da Universidade Católica, a pessoa que doou quer saber que seu livro foi doado, ela tem essa satisfação de ter feito um ato desses, então no dia que ela chegar e disser assim, o livro foi doado, a gente mostra aqui, olha aqui, está esses livros todos, quem recebeu e tudo mais, tá tudo dentro do perfil bibliotecário tá vendo aí, e a estrutura é essa né, só funciona por conta disso, e senão vira uma feira, feira por feira a cidade já tem demais, não precisa, o que é preciso, é preciso desse carinho e saber que tem uma estrutura que foi montada e respeitou como leitor, esse é o nosso diferencial que eu acho, diferencial da parada do livro da Bahia.

E2 - Há recursos destinados especificamente para o PNLL /PNL?

Não, não existe né, sabe como ele é, né? Um ato da sociedade, ele é um plano, é uma vontade, uma vocação política, enquanto ele tá aqui ele está com todas as suas contribuições. Claro que se vier dinheiro e tudo mais é interessante, mas, se tem que ver se esse é o perfil que o plano vai ter, se é isso que está sendo estruturado quando se cria um plano nacional do livro e da leitura, se é realmente mais um setor, mais um órgão administrativo, se é essa tutela que se quer, ou se é uma espontaneidade, uma ação direta e responsável de cidadania, se dá ao outro o espaço de ser cidadão e não você pregar uma cidadania, muda totalmente aí, esse enfoque aí tá entendendo.[...]

E3 - Qual a metodologia utilizada para avaliar o PNLL /PNL?

E4 – Qual é a fonte de financiamento do PNLL/PNL? Considera o financiamento adequado?

F	Avaliação Global e Resultados (mudanças observadas, efeitos)
----------	---

F 1 - Como avalia o desenvolvimento dos referidos programa, nomeadamente ao nível: F1.1 - Do impacto na promoção de hábitos de leitura e da igualdade de oportunidades educativas.

Se eu disser a você que se hoje, que se amanhã, nós formos com a marca do plano municipal do livro e disser que na rua João Durval vai ter uma parada do livro, eu digo

que a sociedade tá receptiva, se eu disser a você que hoje nós podemos penetrar em diversas instâncias a sociedade está receptiva. A nossa ação até pros Estados Unidos foi, que a UNIFACS divulgou como ação meritória do ano, do ano, a participação dela como ação meritória do ano, então o que eu acho é que a gente tem esse capital pleno, é um capital que, natural, e acho que, digamos assim, que nós temos que ter muito cuidado, por isso não se cria, tem um zelo muito grande sobre todos os passos, analisar pra que a gente não se desvie desse caminho, né, de recuperação do leitor, de incentivo a leitura, ou de poder conviver todo mundo com as suas diferenças, desde que exista o elo que é o elo da leitura e isso foi a convivência no Campo Grande, nós vimos alguns casos como homens do subúrbio que tavam maravilhados, veio ver a netinha, olá minha nega, tudo bom? Então, tem histórias ainda, depoimento e tudo.

F1.2 - Da participação das entidades/instituições nacionais, federais e municipais?

Esse ano, nós tivemos... das instituições federais, nós pedimos auxílio, pedimos as instituições federais, a biblioteca nacional, quem a gente mais pediu foi a biblioteca nacional, no ano de 2014 ela nos ofereceu um ônus, um caminhão de livros, mas, quando a gente pediu, nós pedimos muito em cima, a dedução não tinha como pagar o frete porque a gente não tem dinheiro, a gente não tem dinheiro, ai pronto, eh, ficamos sem esses livros, mas é que era livro demais até, esse ano nós pedimos, mas eles não tinham, também não tavam prevenidos, alguma coisa que não me lembro direito, mas não tivemos essa, essa boa vontade, não tivemos essa contribuição da biblioteca nacional. Nós temos o CESC que colabora, o SENAI as portas, nós temos ai a sociedade baiana, basicamente a sociedade baiana.

Patrícia: É muito difícil dizer que não contribui com uma causa dessas, não é?

Lourdes: É, eu acho também que de repente você deu, você deu um motivo além de tá, que não cria controvérsias né? Se você deu um motivo que não cria controvérsias a pessoa participava, os empresários e tudo mais, inclusive doação, o shopping Barra se prontificou em alocar, mas a gente não quer mais alocar um local livre, na semana anterior o shopping Barra cedeu um espaço lá, se prontificou a locar aquele receptor de livros, eh, o Salvador Trade o Boulevard Side e aquele Mercury hotel, lotaram espontaneamente a recepção de livros, nós tivemos desses grupos também, os livros vinham, chegaram pra gente. No dia da parada em si, ainda recebi livro lá do Boulevard Side Empresarial imagine, então, livros jurídicos, livros médicos, que a gente também atraiu isso, livros de mecânica para o lado masculino, livros de estudante, tivemos uma doação estupenda, eh de um piloto, um comandante, então, e veio todos aqueles livros de pilotos de avião e tudo mais, ai você vê um monte de adolescente besta, tem imagens aqui dos adolescentes disputando livros.

Patrícia: A abertura das possibilidades.

Lourdes: É filas imensas você vai ver, uma fila imensa aqui no box que era o favorito deles né, no box ficavam esperando tudo, só que imagine, essa era uma situação.

Patrícia: Muito gratificante, não?

Lourdes: É, isso é muito gratificante, é sim, muito gratificante, por isso que a gente se mata tanto para fazer.

F1.3 - Da adesão das bibliotecas municipais e escolares, dos professores, dos alunos?

Não, tranquilo, portas abertas, portas abertas, nós também tivemos uma participação que você ainda não tocou aqui do selo de João Ubaldo, o selo de João Ubaldo é a escolha de livros né, é então uma parte, nós fazemos parte do grupo de análise e a publicação selo que foi de 2014 vai sair agora mais cedo, o dia do lançamento vai ser dia 25, essa semana, lá no, lá na Barroquinha. Então, tem essa participação nossa efetiva e tudo mais ai.

Amostra: Planejadores dos Planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal

F2 - Qual o impacto do Plano no estímulo à leitura na região que ele está inserido e quais as expectativas futuras?

Total. O impacto é esse né, o impacto de uma mobilização dessa, mídia espontânea, tudo espontâneo, rede social espontânea, não tem, não tem sistema de marketing, eh, e nós somos, um dos nossos componentes é que Valdec Almeida, que ele assumiu toda essa parte, mas, eh, não é a assunção poema, tá me entendendo, mas é tudo realmente eu vi, eu fui, eu botei e tudo mais, eh, essas copiadoras nos deram, nós tivemos tantos banners esse ano, que a gente não teve lugar pra botar banner senão sujava demais, assim ficava meio estranho, mas as copiadoras inclusive, sem sequer botar o nome, tanto que na nossa camiseta assim mesmo nós nem colocamos o nome delas, né, mas recebemos muitos banners, eh, que nós fizemos, tem banners que na feira do livro tem essa questão. Você já participou já, ou nunca?

Patrícia: Não, do.

Lourdes: Da parada.

Patrícia: Ainda não, eu participei na primeira versão.

Lourdes: Primeira versão.

Patrícia: É primeira versão, há muito tempo.

Lourdes: Você lembra na de 2014.

Patrícia: Não, não pela prefeitura.

Lourdes: Ah, então foi outra coisa. A parada do livro você tem, tem o palco dos artistas, o palco literário, que é uma tenda literária onde eles estão ali declamando textos dos seus livros e tudo mais e ficam ali num lugar privilegiado no centro. Tem o centro aqui, tem a parte das crianças de contação de histórias e esse negócio todo, e, independente disso a declamação é como? É com banners com pequenos trechos dos escritores baianos. Então você tem um banner de Antonio Vieira, um banner de Castro Alves, um banner de João Claudio Freire, Adonias e vai por aí, entendeu? Então você tem vários banners, esse ano nós homenageamos, eh, Claudia Barral, nós fizemos quatro homenageadas, Claudia Barral, Aninha Franco, Cleise Mendes e Mãe Estela, então, foram as homenageadas esse ano pela parada do livro, são convidadas, são perguntadas se querem ser homenageadas, todas elas aceitaram e pronto, entendeu? Então, nós tivemos também os escritores homenageados, e aí todas elas tiveram o seu banner e o nome, toda publicação que foi feita foi às escritoras homenageadas estava o nome delas, junto com o evento a gente diz isso, que todos homenageados, fulano, fulano, fulano, fulano, fulano. Como ano passado nós homenageamos os escritores póstumos, esse ano nós homenageamos escritoras vivas.

F3 - Quais as suas expectativas em relação ao programa PNL ou PNLL?

É não, por exemplo, esse ano mesmo nós teremos uma eleição, eh, em junho, 25 de maio, 29 de maio já quer dizer junho nós temos uma eleição, entendeu? Minha expectativa é que não haja desvio de rota. O que se conseguiu é capital de prestígio, tá me entendendo? O que se conseguiu foi uma aceitação social, não é um quarto, e isso não pode ser mudado, conseguimos confiança, abriram um casarão histórico, conseguimos voluntariado, professores doutores todos trabalhando pra gente, conseguimos. Olha só um detalhe, a parada do livro faz parte do memorial da UFBA, eu tenho que contar a história, a rigor, a parada do livro não ficaria com a prefeitura esse evento, não o plano nacional do livro, o plano nacional da leitura, mas esse evento, eh, nós, Jucélia né, Jucélia era diretora do CIP na época e ela teve a ideia de fazer uma parada, seria uma parada do livro.

Patrícia: É o livro livre né?

Lourdes: É, não, nem o livro livre, entendeu? Eh, nosso, nosso, nosso, nosso slogan aqui

Amostra: Planejadores dos Planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal

meu é “livro usado livro vivo” da parada, “livro usado livro vivo”, ai deixa de ser pra você, ai a Jucélia fez esse, fez esse ai e tava chamando diversas entidades... então nós crescemos e era uma coisa da reitoria da UFBA, quando chegou, ai teve a mudança do reitor pra José Carlos Almeida Sales né, Almeida Sales.

Patrícia: É, João Carlos Sales.

Lourdes: É, João Carlos Sales, João Carlos Sales. E ai não ia ser na praça do Campo Grande, mas não ia ser com essa vertente, ia ter uma banda, ia ficar, e a briga foi essa, a minha briga era essa, um evento de leitura é um evento de leitura. Leitura é reflexão, a pessoa que vai ler lá não é a pessoa que vai pra... E contação de história é apenas um apetrecho pra chegar ao livro, não é a finalidade de um livro e não dá aquilo que a gente chama universo de contribuição de leitura, é uma opção diferente, e é vai, vai, vai e não foi, e ai, arrumamos tudo pra acontecer no Campo Grande e naturalmente eu fui ficando junto com ela pra pegar a alça, quer dizer assim, pra pegar o peso, eu e todo o grupo do plano nacional do livro e da leitura, e ai quando chegou lá antes, umas duas semanas antes disso, a UFBA disse que não ia mais, que só faria se fosse um evento interno, dentro do PAF, olha um evento interno aleijaria a população de Salvador.

Patrícia: Lógico.

Lourdes: Então, a prefeitura, o plano municipal do livro e a prefeitura em si não poderiam compactuar com um evento fechado, ou aparentemente fechado.

Patrícia: Até pela essência da leitura né?

Lourdes: Pela essência da leitura. E ai o que fizemos, nós dissemos larga, e foi quem começou esse discurso foi uma menina da rede enredando e eu abracei e pronto que não poderia. Disse que nós faríamos lá no Campo Grande.

Patrícia: E vai até pela própria proposta da Universidade, a Universidade ela tem que tirar os muros né, e não levantar os muros.

Lourdes: Nesse período nós estávamos com todo o nosso STAF de contribuição era com as bibliotecárias da UFBA, ai ele saiu, quando ele saiu, eu fui com Rosely até, nós fomos, seis horas ficamos até quase nove, falamos com o reitor e com o... o vice-reitor e Dário Costa Lima que tava lá também, e ai,..., tava com toda a estrutura montada, todo mundo tava contribuindo, que a UFBA tinha dado, nem sequer os banners ela deu, os banners que estavam lá deu, mas, o texto é meu, a introdução crítica é minha, tanto que eles quiseram me privar de ter acesso as coisas, eu disse assim “ vou fazer um direito autoral com vocês aqui” você passa que eu vou colocar de novo na parada desse ano, ai eu peguei, sim, ai ele saiu, saíram, por mais que a gente tentasse convencer que a cidade que essa era uma ação de extensão, aquelas coisas todas, ele disse que estava chegando naquele momento, que não ia e tudo mais, o que ele continuou contribuindo foi com aquilo que ele já tava, os livros estavam todos sendo doados, entregues no PAF na em Ondina e fazendo a curadoria lá e isso continuou e pronto, né, ai nós ficamos combinando, tínhamos que arrumar a parada do livro em menos de duas semanas, e ai eu disse, se a prefeitura da uma parada do livro, fazer uma parada do livro e botar todo o seu contingente lá, que seria nossa mão de obra toda, todo o nosso espertismo, a parada do livro agora é nesse caso ai, ela é a parada do livro com a coordenação que já estava sendo de fato, não de direito, naquele momento uma coordenação de Jucélia, que você tem que dar o crédito que eu acho que a gente não pode esquecer isso de Jucélia que teve essa primeira ideia, né, e que a gente desenvolveu, com Jucélia e da prefeitura e da Universidade Federal, continuamos mesmo assim lá, mas já sem aquele apoio direto deles e sem o aval oficial total e a prefeitura, e ai tivemos que fazer, chegar a Fundação Gregório de Matos pedir as tendas todas, toda a parte de iluminação, de som, de tudo, a essa outra parte estrutural toda, a logística e tudo mais. Alguma universidades que

estavam contribuindo, continuaram contribuindo isso faculdades né, isso faculdades, tivemos a faculdade de teatro, fenomenal o pessoal, também é um pessoal mais aberto, né, a faculdade de teatro colaborou com o praticado no palco nos dois anos, o palco é da faculdade de teatro, a faculdade de Belas Artes colaborou com o portal da entrada, mas, isso já sem a anuência já por um ato próprio de gestão, mas sem levar mais essa coisa de ser uma ação da universidade. A universidade, ela através de Jucélia, e de Jucélia, inclusive esse material, essa ideia da parada ela fez disso o mestrado dela, é um mestrado profissional, o mestrado profissional ela fez dentro dessa área, mas nós assumimos em 2014 porque a universidade se retirou, entendeu agora? A universidade se retirou.

F4 - Sente dificuldade em desenvolver o seu trabalho?

Sinto que poderia ser mais assistido, tá me entendendo? Acho que a dimensão dessa ação garantiria a qualquer pessoa que ocupasse o espaço que eu estou ocupando, que tenha feito o que eu tenho feito e que continue fazendo, uma assistência maior, tá me entendendo? Que poucos conseguem fazer o que a gente fez com essa junção voluntária e acostumem, quer dizer então, o que eu digo é isso, é que, há uma ação que acontece dessa magnitude, mas, que não, eh, não se reverte em um cuidado maior, em facilidade, em tudo mais. Sinto que se, por exemplo, digamos assim, que se continuarmos assim, vamos ter as mesmas dificuldades que nós tivemos, quer dizer o trabalho de Hércules novamente, poderia ser um trabalho, né, com mais ajudantes né, e é um trabalho de Hércules danado, é um trabalho de ímpeto pessoal, de relações pessoais, relações de prestígio, de conhecimento na área e etc. etc. E que poderia né, ter um reconhecimento maior né, a gente pensa nisso, mas, vai tocando, também se não tivesse esse pouco que tem a gente não tinha chegado a esse ponto, a gente tem que ser justa também, não chegaria se não tivesse, mas eu, por isso eu quero deixar aqui bem claro que a ideia inicial foi de Jucélia Oliveira que era a superintendente da biblioteca lá da UFBA e que na primeira versão nós contamos com todos os bibliotecários, e que eu fiz um curso de capacitação com certificado entregue a eles nós fizemos de 8 horas de aula na própria sede em si, da biblioteca né

Patrícia: Da biblioteca central.

Lourdes: Não, da biblioteca central, não, da faculdade da biblioteconomia.

Patrícia: Ah, sim.

Lourdes: E na primeira versão eram majoritariamente os bibliotecários, e um fato interessante é que esse ano a universidade federal também não abarcou a ideia disse que não considerava essa atividade como atividade de extensão. Estivemos com a Lilian Brandão, que assumiu o lugar de Jucélia, ela não considerou, e, portanto, a turma de biblioteconomia não contou com a gente, nós não pudemos contar com biblioteconomia, nem com eles, mas quase. Nós tivemos 6 alunos que espontaneamente vieram trabalhar voluntariamente aí, entendeu? Então, o conselho regional de biblioteconomia trabalha com a gente também, faz parte do plano municipal do livro. Até nesse dia quem tava presente quando chegou duas alunas de biblioteconomia, tava presente Fabíola, né, elas agradecidas porque a gente tinha incluído, mas eu disse “vocês é que são essenciais nisso!”

Patrícia: Até porque é uma troca e acaba sendo uma troca né.

Amostra: Planejadores dos Planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal

Lourdes: A convivência, a convivência livre e tudo, a sociedade tem que prestigiar o ato da biblioteca, a biblioteconomia, esse conhecimento, quando a gente fala assim as pessoas acham que ter 10 livros já está fazendo a biblioteca, há uma diferença grande, em lugar nenhum do mundo você tem na condição de instruir, de promover um biscoito fino, você deixa as coisas acontecerem aleatoriamente, entendeu? Eu acho que o estado teria que abarcar mais a questão da biblioteca com a sua espertice.

Patrícia: E essa consciência da responsabilidade social.

Lourdes: É. O plano municipal na parada do livro isso é fundamental, fundamental... a gente caminha desse jeito, então, tudo mais que é um ato de crescimento né, acho que por isso que ele cresceu então. O que eu considero é isso né, eh, falei a questão da UFBA né, que nós sentimos bastante né, porque entendemos que o... da UFBA em si, apesar de que, na abertura demos espaço a eles, em todas as aberturas e tudo, sem nenhum, sem nenhum problema.

Patrícia: É uma pena que tem a questão de gestão mesmo, né.

Lourdes: É isso.

G	Comparação com Plano de outro país/países
----------	--

G1 - Conhece o PNLL do Brasil/PNL de Portugal?

Eu estive em Portugal. Estive na biblioteca do Porto fui muito bem recebida, eh, a Conceição me atendeu com toda, com todo respeito e tudo. Eles tem um sistema né, de bibliotecas em todos os municípios, municipais, são atuantes, sistemas de empréstimo, tudo mais, quer dizer, tem uma cultura do livro, eh, livrarias excepcionais e tudo, e ficaram extremamente interessados. Mandeí alguma coisa e tudo, mas a gente tem aquela questão né, faltaria gente nessa secretaria, quer dizer uma estrutura mais administrativa, não uma estrutura engessada. Porque se fizer uma estrutura engessada a gente não move nada, e se fizer uma estrutura de emprego, de sei lá o que, a gente desvia, tem que ser exatamente esse ato voluntário, um ato de amor ao livro mesmo, à causa em si, e não pode ser um burocrata, não pode ser apenas um interessado, tem que ter, senão, o trato não é certo, nós não chegamos até as bibliotecas se não tivermos esse dedal, se fossemos, se fosse uma pessoa que não amasse os livros. Então é isso né, então eu acho que fechou.

G2 - Encontra semelhanças e diferenças no que diz respeito às finalidades e objetivos, à estrutura, à implementação organização/funcionamento/financiamento, resultados obtidos?

O plano, na realidade lá eles não tem planos, assim como a gente, porque eles não têm uma população com carência como a nossa. Esse nosso plano é um plano com um olhar generoso sobre uma necessidade que não aparece numa estatística, mas, é real. O que aparece em estatística é menino reprovado, analfabetismo, analfabetismo funcional é o que surge na estatística, mas não surge na estatística, esse universo desse contato com o livro, então eles não tem, porque eles têm isso, eles não têm essa nossa cabeça, eles têm essa visão de respeito à literatura, da importância da literatura, da disponibilização de acervos. Você imagine que eu chego lá, me apresento e tudo mais, e adentrei em todos os espaços, tive acessos a manuscritos de Antonio Vieira inclusive, entendeu? Então, são situações que, digamos assim, de generosidade, né, então eles não tem essa carência, é um outro mundo. Um outro mundo, por exemplo, na Espanha as bibliotecas são 24 horas, em Portugal elas fecham as onze, em Porto elas fecham as onze. Então, tem toda né, uma diferença muito grande, tem muitos fatores. Aqui você tem biblioteca de expediente administrativo, onde se não vê isso, você teria que ter dois turnos né, um

turma né, pelo menos até... porque a pessoa vai trabalhar faz o que? Qual é o contingente que tá aleijado numa biblioteca? O trabalhador. É justo? Não é justo. Que é quem contribui, ele é o contribuinte, você tira da biblioteca o contribuinte, em lugar nenhum você joga pedra em quem lhe paga, né, então é a situação, a gente no caso da para do livro, a gente fica direto, começando as oito e vai direto a hora do almoço e tudo mais, por conta do pessoal que trabalha, esse horário de intervalo ali o pique é o mesmo, e não tem horário de almoço, a gente mantém todo o pique, por conta da pessoa que saiu da loja, que tá ali perto, saiu da escola, da faculdade,..., escola pública, de onde for, sem discriminação.

G3 - Tem algum contato com responsáveis destes programas? Quais os problemas, dificuldades na implementação dos Planos que têm identificado?

Não. O contato que eu tenho de outros programas na realidade é com a..., tudo que a gente faz eu faço questão de informá-la, tenho recebido dela muita solidariedade, aquilo que é, porque também não tem, também não, porque o plano nacional é igual ao plano municipal. Tenho duas cartas deles aqui elogiando e tudo mais, duas correspondências que ele mandou. Temos também e-mails deles né, dizendo e tudo mais, sempre a gente convida e nós temos isso né.

G4 - E ao nível dos resultados?

G5 - Em sua opinião em que momento a questão da leitura tornou-se um problema de políticas públicas no seu país? E a nível internacional?

Acho que, eu gosto muito de olhar meu território, eu acho que ninguém olha o mundo, cada um olha assim mesmo e aos seus próximos, então, é uma política pública que tem, nós temos uma defasagem na área educacional e cultural, é uma política pública que nós nos descuidamos, não seria uma política pública se nós nos mantivéssemos em busca de uma, de uma competência de leitura, de uma competência de habilidade de interpretação e etc. etc. então, infelizmente nós estamos com um país ainda tem muito analfabetos, conseguimos agora os analfabetos funcionais, conseguimos a questão de meninos que passam 5, 6 anos na escola e não conseguem aprender, na realidade nós estamos diante de um estado de perplexidade, e pra esse estado de perplexidade é necessário que também o outro faça um esforço. O esforço do outro é chegar até um livro, é chegar até um livro e começar a chegar, digamos assim, a não precisar da muleta do estado pra isso, ou da muleta de alguém, ele mesmo fazer o seu conhecimento, conhecimento... e dialogar com o autor. Eu tenho uma palestra que eu dei que eu disse o seguinte, que “quando a gente dialoga com o autor a gente dialoga com alteridade e a gente reconhece o discurso do outro”. Nós tornamos mais pacíficos, porque não há texto que possa ser lido sem a interpretação de um outro que tá lendo, você contribui, mas alguém botou aquele texto inicial pra você contribuir, e você é refém daquela questão. Então, eu acho que a gente aprende a nossa pequenês, aprende a se socializar, então, eu entendo que cabe ao Brasil isso, cabe nessa nação superviolenta a condição da leitura, acho inclusive que esse fato pra quem lê e pra o... já é tão, tão, tão específico e tão direto e deve ter sido provado que hoje você recebe redução de pena por livros lidos, então, eu acho que os livros seriam responsável ao fazer, ao dar essa possibilidade a um preso se isso realmente não modificasse. Ele não faz, ele não toma uma atitude dessa do nada, tá me entendendo? São pessoas ali que tem um cuidado, um zelo pela coisa pública, pelas normas, pela lei, pelo direito, então, ao dizer que uma pessoa que cometeu um crime contra a sociedade ela pode se redimir na sua punição através da leitura, você tem um reconhecimento desse milagre que significa ser um leitor, entendeu? Então, eu acredito piamente nisso, mas acredito nos moldes, dentro desse aspecto assim, que é um aspecto

Amostra: Planejadores dos Planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal

de voluntariado, um aspecto de tutela entre aspas do ente público, mas um chamado e uma ação direta e não política, to dizendo política partidária, como a... da sociedade. Então, ninguém abre às portas de uma sociedade toda como a gente abriu, se nós não tivéssemos falado com o coração, abrimos as portas de pesquisadores, de instituições de ensino, de faculdades, de universidades, abrimos as portas dos empresários, você vê desde aquele que trabalha com o autor do livro, aquele que faz copiadora, você vai ver, tem uma série de contribuições na nossa camisa, contribuições como? É um material de divulgação, são os banners, são as camisetas é a água. E quero também falar aqui. Contribuir, disponibilizar, deixar um caminhão pra gente ficar. Nós tivemos um caminhão pra ficar trazendo e levando as coisas, imagine como nos fizeram, você pegar motorista, carregador e isso e aquilo outro, e até que não teve... não teve nada. Essas e essas todas contribuições nossas, então, até livrarias contribuíram pra gente. Eu vou passar um material aqui pra você. [...]

Transcrição da entrevista - Somente após a entrevista, expor na íntegra todas as frases, perguntas e respostas, durante a entrevista.